*Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina*
*ISBN: 978-85-7205-159-0*

# "Guerrilhas não trazem preocupação ao Brasil": A luta armada e seu caráter exógeno nas páginas do Jornal Brasil na década de 1960

**Scheyla Tizatto dos Santos**
Doutoranda em História
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
scheyla.tizatto@gmail.com

**Resumo**

As ditaduras de Estado na América Latina foram marcadas por uma série de políticas restritivas, entre elas, pela tríade: repressão, censura e violência. Durante esse período, grupos de resistência e oposição ao Estado autoritário se organizaram em torno de partidos políticos de orientação comunista que operavam na clandestinidade, enquanto setores da mídia atuaram no processo de formação de consensos e disputas pela narrativa da realidade e do cotidiano daqueles tempos. A partir deste contexto, o presente artigo tem por objetivo discutir a elaboração midiográfica sobre as guerrilhas da latino-américa produzidas pelo *Jornal do Brasil* durante a década de 1960. Tal impresso construiu uma representação social das guerrilhas como estratégia de ação exógena a realidade brasileira, contribuindo para uma imagem descolada do Brasil com a América Latina.

**Palavras-Chave**: Ditaduras; América Latina; Luta Armada; Mídia

**Resumen**

Las dictaturas estatales en latinoamerica se caracterizaron por una serie de políticas represivas, incluyendo la tríada de la represión, la censura y la violencia. Durante este periodo, los grupos de resistencia y oposición al estado autoritario organizado en torno a los partidos políticos de orientación comunista que operaban clandestinamente, mientras que las secciones de los medios de comunicación actuaron en el proceso de creación de consenso y se disputan la narrativa de la realidad y la vida cotidiana de aquellos tiempos. Desde este contexto, el presente artículo tiene como objetivo discutir la elaboración midiográfica a la guerrilla de América Latina producidos por el *Jornal do Brasil* de la década de 1960. Fueron construidos por impreso una representación social de las guerrillas como estrategia de acción exógena realidad brasileña, lo que contribuye a una imagen de Brasil separada de América Latina.

**Palabras clave**: Dictaduras; Latinoamerica; Lucha Armada; Medios

A história da América Latina é a história dos marginalizados e dos excluídos do capital. A história da América Latina é a história da exploração e do colonialismo. Essas afirmações não são inéditas,

*ISBN: 978-85-7205-159-0*

contudo, mantém sua atualidade. Por isso, a história da América Latina é uma história de lutas, é também um importante campo de debate e disputa do saber. É o lugar das desigualdades de classe. Destacar desse processo histórico uma mostra para análise não é uma tarefa simples. Conectar as trajetórias desses países é um exercício historiográfico e acadêmico que exige recortes e escolhas, sem se deixar perder no horizonte o lugar da resistência dessa América destituída de nome[1].

Violência e política são antigas parceiras na história da América Latina. Pelo menos no século XX, as divergências políticas são marcadas pela hostilidade do Estado sobre os grupos insurgentes. Na década de 1960, os movimentos de luta armada contra as ditaduras impostas ao Continente, estabelecem um ponto de confluência na realidade política da região. Ações conjuntas dos países do Cone Sul atuaram para coibir e reprimir os movimentos de resistência, como foi o caso da Operação Condor[2]. Capítulos da história que integram realidades regionais, que apesar das especificidades de cada país e de cada movimento só podem ser compreendidas em uma perspectiva conectada.

A própria ação armada na América Latina na década de 1960 foi um projeto revolucionário de inspiração internacionalista. Não ficou restrita apenas como um movimento de resistência aos governos ditatoriais, mas buscavam construir um novo tipo de sociedade. Ou seja, no Brasil, na Bolívia, no Peru, na Venezuela, na Argentina e no Uruguai, países que são abordados na documentação que embasa esse artigo, as lutas das esquerdas revolucionárias defendiam a formação de um país radicalmente novo, no qual as reformas estatais não se faziam suficientes (SALES, 2005, p. 85).

A possibilidade de uma transformação revolucionária na América Latina ganhou novo fôlego com a Revolução Cubana de 1959, destacando-se desse processo as produções práticas e teóricas de Ernesto Che Guevara. Importante personagem da história do século XX[3], Guevara é uma referência que conecta a América Latina que luta contra o imperialismo norte-americano. Embora não tenha sido unanimidade entre as frentes de luta armada na região, sua ação-pensamento se fez presente nos textos-manifestos, na

[1] Utilizo o recurso literário de Eduardo Galeano que em seu livro *As veias abertas da América Latina*, no qual o autor afirma que pela trajetória de exploração a América explorada perdeu o direito de assim se denominar para o mundo. América é tão só os Estados Unidos, o que resta do continente é uma sub-América, uma América de segunda classe (GALEANO, Eduardo, 2016, p. 13).

[2] Para Enrique Padrós, a Operação Condor foi uma articulação clandestina e repressiva dos países do Cone Sul visando perseguir e eliminar dissidentes políticos e organizações de resistência que eram norteados por projetos antiimperialistas e revolucionários durante as décadas de 1960 a 1980 (PADRÓS, 2009).

[3] As publicações sobre a trajetória de Guevara são renovadas a cada década que se afasta da sua morte em 1967. Ao completar 20 anos daquele episódio multiplicaram-se e diversificaram-se publicações sobre o guerrilheiro, em coleção intitulada *Os grandes líderes do século XX* de 1987, o filósofo da cultura das mídias Douglas Kellner, responsável pelo texto sobre Che Guevara, enquadrou o comandante da Revolução Cubana como símbolo do compromisso e do heroísmo revolucionário.

*ISBN: 978-85-7205-159-0*

imprensa clandestina[4] e nos debates dos Partidos Comunistas. O impacto da experiência de Guevara nas organizações de esquerda produziu representações em diferentes setores, produções e suportes materiais, já para os conservadores, Guevara e as guerrilhas somam-se ao repertório das representações comunistas que devem ser combatidas.

O repertório anticomunista na América Latina é amplo e circula em diferentes instituições com mediação do complexo IPES/IBAD e seus congêneres como o Instituto de Investigações Sociales y Econômicos, o Centro Monetários Latinoamericanos no México, Centro de orientação Econonico e Social no Peru, Centro de Estudos sobre a Liberdade na Argentina e Instituto Venezuelano de Ação comunitária na Venezuela, para citar alguns exemplos. Deste modo, vale destacar o uso que essas instituições fazem da mídia como um prolongamento de suas ações sobre a "opinião pública" com o objetivo de elaborar consensos[5], assim é entendida como um suporte no qual o anticomunismo circula, é elaborado e difundido.

A representação social das guerrilhas na América Latina associada à figura de Guevara alcançou uma fase ideológica, na qual o Estado, os partidos e os movimentos sociais fazem uso de forma simbólica, que é por eles reconstruída[6]. É evidente que a ancoragem[7] desse objeto foi fortalecida por ter se transformado em produto da indústria cultural, da produção editorial e dos grupos de esquerda, sobretudo após a sua morte, importante marco de reconstrução da representação[8].

A presença de Guevara na história das guerrilhas na América Latina não é apenas um capítulo de conexão entre de lutas e resistência a exploração capitalista. O pensamento guevarista é uma constante desde a década de 1960, incorporando um legado de *ações diretas* e de pensamento político que retoma a trajetória da sociedade latino-americana. Fragmentos limitados de sua obra aparecem como mote na

[4] Destaco, no Brasil os jornais: Voz Operária; O guerrilheiro; Palmares e Resistência; Bandeira Vermelha. Jornais disponíveis para consulta no Instituto Vladimir Herzog e no Centro de documentação e memória da UNESP em São Paulo.

[5] A fabricação de consensos é entendida em consonância com a perspectiva de Noam Chomsky, como um recurso de controle de massa, no qual a classe política, a comunidade financeira e empresarial, são responsáveis por orientar opiniões. Essa orientação é mediada pela propaganda e pelos suportes das mídias (CHOMSKY, 1993, p.20).

[6] Para Moscovici, uma representação molda a realidade em que vivemos, cria *tipos sociais*, que são construídos em três fases: a) fase científica; b) a fase representativa; c) a fase ideológica. Cf. MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais (MOSCOVI, 2003, p. 96).

[7] Ancoragem – esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras (MOSCOVICI, 2003, p.61).

[8] Ciro Cardoso ao refletir sobre a noção de representações sociais, afirmou que elas emergem de um triplo cenário que são intimamente inter-relacionados. Descrito consecutivamente, o primeiro cenário é das representações individuais e do imaginário individual; o segundo da realidade social e das ações socialmente representadas; e o terceiro do imaginário coletivo e das representações sociais. A partir de sua sistematização, entendemos que a noção de representação social é uma elaboração de capital cognitivo com profunda raiz social, que é capaz de orientar escolhas relacionais entre o individual e o coletivo (CARDOSO, & MALERBA, 2000, p.32).

*ISBN: 978-85-7205-159-0*

agenda dos movimentos sociais. Muitas são as unidades de luta social que carregam seu nome na carteira de identidade[9]. Guevara é, portanto, um ponto de confluência na diversa história dos países latino-americanos.

O "guevarismo" como referência para as ações armadas é a representação social dessa conexão entre os países na América Latina. Fenômeno bastante investigado pela sociologia política, e aparece de forma diluída em diferentes trabalhos na historiografia, que se expressa de maneira distinta sobre a temática. A complexidade do pensamento de Guevara despertou mais interesse entre os sociólogos do que entre os historiadores. No Brasil, as historiadoras e historiadores não demonstraram muito interesse pela obra de Guevara, para esses profissionais, o guerrilheiro latino-americano tem lugar de referência dada e evidente, por isso, sua presença aparece nos subtemas das teses ou em seus subcapítulos. O impacto da ação-pensamento de Guevara foi abordada pelo historiador argentino Pablo Pozzi, o qual destaca:

> La figura e imágen de Ernesto Che Guevara tuvo un profundo impacto sobre la militancia política argentina en durante el período comprendido por los años 1955 y 1976. Este impacto se produjo en muchos niveles pero el principal fue el ético y humano. A su vez esa imagen entroncó fuertemente con nociones culturales, experiencias políticas y, sobre todo, con el surgimiento de nuevas organizaciones revolucionarias guerrilleras. Para muchos de los militantes de la época la imagen del Che tuvo un efecto concientizador y movilizador a un nivel cuasi irracional. Para las organizaciones peronistas y las de la izquierda tradicional, el Che fue una figura compleja y resistida. Tanto los trotskistas como el Partido Comunista lo criticaban agriamente, y para aquellos peronistas que provenían de la Resistencia el Che era una persona escasamente comprensible y conflictiva, crítico de Perón y marxista aunque también vinculado al latinoamericanismo y a la revolución cubana, percibida como nacionalista. Fueron las organizaciones armadas --peronistas y marxistas-- de fines de la década de 1960, las que lo abrazaron más fuertemente sintiéndose herederas de lo que entendían como "el guevarismo" (POZZI, 2004, p.155)

O binômio Guerrilhas-Guevara é uma importante chave a ser considerada quando nos propomos a pensar as ações armadas na América Latina, sem perder de vista que esses movimentos dialogavam entre si, muitas vezes com a mediação de Havana nas suas bases de treinamento guerrilheiro ou por meio das Conferências da OLAS. Dois eventos que o *Jornal do Brasil* acompanhou com publicações de correspondentes, editoriais, cadernos especiais.

O *Jornal do Brasil*, periódico diário do Rio de Janeiro, foi um tradicional órgão da imprensa brasileira, fundado em 1881 como periódico monarquista, vendido em 1883 adotou a linha de defesa da

[9] Quero destacar aqui os assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, que receberam o nome de Assentamento Che Guevara em Santa Catarina, São Paulo e Ceará, todos com mais de duas décadas. Ocupações urbanas organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST, que carregam Guevara na identidade, apenas para citar dois exemplos no Brasil em nosso tempo presente.

*ISBN: 978-85-7205-159-0*

República, tinha objetivo de conquistar leitores populares e se manteve por meio dos anúncios classificados. Mas, foi a partir de 1954 que o periódico ganhou destaque na vida nacional, como os demais órgãos da grande imprensa pela atuação política (CAPELATO, 2014, p. 305). Foi um periódico ativo na construção do Golpe de Estado de 1964 com claras relações com o Instituto Brasileiro de Ação Democrática – IBAD e do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais – IPES, manteve em seus quadros jornalistas ligados a esses institutos "O *Jornal do Brasil*, por trás de sua fachada de órgão informativo, era usado como importante canal de divulgação para a campanha ideológica da elite orgânica" (DREYFUSS, 1981, p. 167).

É possível destacar ao longo dos anos de 1960, o periódico fez a cobertura jornalística e opiniosa sobre as ações das guerrilhas na América Latina. Com diferentes enfoques e períodos podemos classificar em três grandes temas recorrentes: a) De 1960 até 1964, o principal mote abordado foi a interpretação do livro A Guerra de Guerrilhas de Che Guevara e as reivindicações das Ligas Camponesas pela Reforma Agrária; b) De 1965 até 1968, a partir da Conferência Tricontinental de Havana de 1966 e os movimentos estudantis pós-67; c) Após o AI-5 a imprensa ficou proibida de noticiar ações guerrilheiras, e concentrou suas publicações na ações de sequestro de aviões e embaixadores.

Uma questão relevante a se considerar na trajetória desse jornal é seu posicionamento em Editorial de 02 de Janeiro de 1959 sobre a queda de Fulgêncio Batista em Cuba. Entendo como necessário esse recuo temporal, haja vista a centralidade do processo da Revolução Cubana no presente jornal ao longo da década de 1960. *Um ditador a menos* foi intitulado o editorial que parabenizou a vontade e a força do povo Cubano que fez cair mais uma ditadura latino-americana. Aponta os problemas econômicos do sistema agroexportador de açúcar, ao qual o país estava submetido, condena a violência de Estado da ditadura Fulgêncio Batista, a desigualdade na distribuição de renda e encerra com o excerto a seguir:

> No dia em que todos os brasileiros esperam sejam o fim do derramamento de sangue cubano, nossos votos são para que o povo daquele país encontre governantes capazes e probos que o conduzam a uma prosperidade econômica ainda maior e ao aperfeiçoamento de seus costumes políticos e à Justiça Social para todos os cubanos. Cada exemplo nesse sentido, partido de um membro da Comunidade Americana, é um ganho para todos os demais.

O entusiasmo com o modelo exemplar revolucionário em Cuba não resiste a implantação do novo Governo, e logo as notícias sobre as execuções da oposição assumem o lugar do povo cubano nas páginas do jornal. Mas, de todo modo, é sugestivo observar que em um primeiro momento não se tinha clareza da agenda política do projeto revolucionário e também de como o exemplo de Cuba mudou de lado na balança na década de 1960, quando passou para o lado do que deveria ser atacado e combatido,

*ISBN: 978-85-7205-159-0*

sobretudo, na questão da *exportação* sua guerra revolucionária. Durante a década de 1960 a própria denominação do exemplo guerrilheiro de Cuba muda no jornal. A partir de 1964 a guerra revolucionária passou a ser interpretada como guerrilhas comunistas quando o espaço de ação era no campo, nas cidades a terminologia guerrilha urbana foi pouco utilizada, o terno a ser definido foi ações terroristas e seus agentes classificados como subversivos.

A partir desse cenário é importante lembrar que a partir do AI-5 foi institucionalizada a censura de imprensa, censores ocuparam mesas nas redações dos jornais em todo o Brasil, o exercito encaminhou a imprensa um conjunto de regras sobre os conteúdos publicáveis e outros ainda produziram uma autocensura com a colaboração de seus jornalistas (KUSHNIR, 2004, p.308). Segundo o Manual para Imprensa do Rio de Janeiro, fica proibido aos periódicos a publicação de: a) comprometer no exterior a imagem ordeira e econômica do Brasil; b) veicular notícias estudantis de natureza política; c) veicular atividade subversivas, greves, movimentos operários. O *Jornal do Brasil* se posicionou contrário a censura de imprensa e desenvolveu alguns mecanismos para publicar críticas ao Estado, contudo essas estratégias só ficaram mais evidentes na década a seguir. As publicações sobre as guerrilhas diminuem em 1969, a própria noticia da morte de Marighella é apenas uma nota tímida, diferente, por exemplo das inúmeras publicações e cadernos especial que foram lançados com a morte de Guevara.

Gostaria, portanto, que retomar a questão do binômio Guerrilhas-Guevara a partir da publicação do Deputado Bilac Pinto, representante dos latifundiários no Congresso Nacional, líder da Ação Democrática, membro do IBAD e anti-janguista que associava em suas publicações as reformas de base à "cubanização" do Brasil. Uso seu artigo para exemplificar o que defini como a primeira fase de publicações sobre guerrilhas na América Latina.

Bilac Pinto publicou no *JB* de 12 de abril de 1964, o artigo intitulado *A guerra revolucionária na América Latina*, no Caderno Especial de Domingo. Nele o autor constrói como pano de fundo a Guerra Fria explorando o papel da Rússia no processo de guerrilhas na América Latina, sobretudo a partir da experiência de Cuba. Para ele o objetivo da ação guerrilheira é isolar os Estados Unidos das políticas de relações exteriores do Continente. Ao explorar o cenário latino-americano, enfatiza a questão agrária como centro de ação e formação das frentes de guerrilha no continente. Afirma:

> A guerra revolucionária desenvolve-se atualmente em quase todos os países da América Latina, onde condições sociais e econômicas agravadas lhe propiciam fértil campo de germinação. Agora, mais do que nunca, a crise tende para extremos grupos e classes, exacerbados por condições insuportáveis.
> Em vários países desenvolve-se o terrorismo e a guerra de guerrilhas, com a intensidade variável.

*ISBN: 978-85-7205-159-0*

> O foco vermelho cubano é uma centelha que acende constantemente, por ação direta ou indireta, o chamejar inquieto das ações subversivas em toda área continental.
> Os EUA, atônitos diante do estranho fenômeno, procuram descobrir-lhe as razões, resolvendo a rebuscar falhas que o justifiquem.
> A conquista do apoio popular é feita à base de uma intensa propaganda, assumindo a revolução a vanguarda pela propugnação de ideais polarizadores. Entre estes sobrevala a reforma agrária, visto que, na América Latina, onde o crescimento populacional e o anacronismo agrícola agravam o problema alimentar, 60 a 63% da população são de camponeses.

Bilac faz uso dos textos de Guevara e de Mao Tsé-tung para construir seu contra-argumento sobre a questão do campo. Para ele, a reforma agrária proposta pelos autores citados retira do camponês sua agenda de trabalho e subverte a relação entre fazendeiros e lavradores, pois seu objetivo não é elevar o nível social do campesino, mas transformá-los em guerrilheiro. Bilac defende a mecanização e capitalização do campo orientada pelos modernos padrões de produção. Para o deputado, a emancipação do homem do campo pela posse da terra em que trabalha provocaria uma crise na produção de alimentos para o continente. Demarcando assim a sua posição no disputado debate sobre a questão, em consonância com os propósitos do próprio complexo IPES/IBAD. Esse que colaborou para a construção de uma elite orgânica empresarial "era obrigada a adotar uma posição reformista que alienaria a oligarquia rural, enquanto que, favorecendo a transformação empresarial do campo, beneficiaria a burguesia rural moderna e os empreendimentos agroindustriais multinacionais e associados" (DREYFUSS, 1981, p. 180).

A segunda fase de publicações sobre as guerrilhas na América Latina é destacada pela participação dos movimentos estudantis, e tem espaço temporal anterior ao AI-5. Nesse período a identificação da juventude à figura de Guevara ganha destaque. Segundo Maria Paula Araújo, a figura de Guevara produziu um impacto para os jovens de esquerda, não só na América Latina mas também no mundo, uma vez que para essa geração sua representação social significou a violência dos despossuídos, dos fracos e humildes, que encontrava naquele homem culto sua própria representação. Para a historiadora, a tríade Esquerda, Juventude e radicalidade política estiveram fortemente vinculadas e, mais do que isso, deram uma marca inequívoca às décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido, destaco aqui a coluna de correspondentes do *Jornal do Brasil*, que publicou em 28 de abril de 1967, o artigo intitulado *Jovens latino-americanos querem reformas à força*.

O artigo define os estudantes latino-americanos como *Jovens Zangados da América do Sul* que ao contestar as políticas de Estado sobre Educação constrangem a liberdade universitária enquanto mapeia os países em que as ações estudantis ocorrem como na Argentina, no Brasil, na Colômbia, na Venezuela e no Uruguai. Tais manifestações questionam a Aliança para o Progresso, e a definem como principal

*ISBN: 978-85-7205-159-0*

responsável pelo subdesenvolvimento da América Latina. Vale destacar que a construção da ação armada está vinculada com os setores universitários, o artigo destaca uma categoria de "estudantes profissionais" aqueles jovens que estão nos espaços universitários apenas para articular os movimentos contra o Estado e persuadir o segmento a adotar a opção armada.

Desse modo, além do destaque para as ações revolucionárias campesinas, é possível encontrar uma campanha nos periódicos que se opõem a politização da juventude no Brasil e na América Latina antes mesmos do emblemático Maio de 1968, o qual o *Jornal do Brasil* cobriu com muita proximidade, porém com enfoques distintos em relação à juventude latino-americana. O que podemos observar na pesquisa de opinião realizada e publicada pelo periódico em 28 de abril de 1968, na qual coloca aos entrevistados as seguintes questões: a) A filosofia Hippie conseguirá transformar, de algum modo, a maneira de viver da sociedade atual? b) A morte de Ernesto Che Guevara representa ou não o fim das guerrilhas na América Latina?

A pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro, com 301 pessoas, na qual traz questões políticas para os entrevistados, entre elas, foram questionados sobre a Guerra do Vietnam, eleições norte-americana, o fim do comunismo no mundo, e seguramente o problema das guerrilhas na América Latina. É necessário salientar que a noção de "opinião pública" adotada aqui se fere às pesquisas de opinião e de processos eleitores. Nesse aspecto, concordo com Bourdieu, que abordou a questão, ao afirmar que a "opinião pública" não existe. Para o sociólogo, uma pesquisa nesse âmbito pressupõe, em primeiro nível que a produção de opinião está ao alcance de todos e supõe-se que todas as opiniões têm valor, assim ao expor a mesma questão aos entrevistados fica evidente o um consenso sobre os problemas anunciados pelo questionário. Portanto, a produção de uma "opinião pública" é estabelecida de partida pela própria elaboração dos questionários e dos métodos aplicados pelos institutos de pesquisa. A "opinião pública" como é apresentada pela mídia e pelos institutos a ela vinculados, representa mais o que essas instituições querem produzir, como os impactos políticos e sociais sobre pressupostos previamente elaborados. Desse modo, a "opinião pública" é correspondente a um grupo mobilizados em torno de interesses explicitamente formulados.

Em relação a questão sobre a "filosofia hippie", a pesquisa é apresentada da seguinte forma: A filosofia Hippie conseguirá transformar, de algum modo, a maneira de viver da sociedade atual? Para essa questão destaca que o número das respostas negativas foi de 72%, dos que não acreditam 71% pertencem a classe A, 74% a B, e 70% a C. Setenta e três por cento situam-se entre 18 e 29 anos, 74% entre 29 e 39 anos e 70% entre 40 e 69 anos. Já para questão A morte de Ernesto Che Guevara representa ou não o fim

*ISBN: 978-85-7205-159-0*

das guerrilhas na América Latina? destacou "O carioca está convencido de que a morte de Guevara não acabou com as guerrilhas na América Latina (70%), apenas uma minoria crê o contrário (20%)". Portanto de acordo com os cariocas a filosofia Hippie não é capaz de alterar a estrutura da sociedade e a morte de Guevara representa o fim das guerrilhas na América Latina.

O que nos interessa aqui, não são os resultados do que a imprensa chamou de "opinião pública", mas as questões propostas em si; A morte de Ernesto Che Guevara representa ou não o fim das guerrilhas na América Latina?; A filosofia Hippie conseguirá transformar, de algum modo, a maneira de viver da sociedade atual? Porque ela denota o quadro de interesse que o instrumento da mídia quer demonstrar.

O terceiro e último seguimento de abordagem sobre as guerrilhas é mais demarcado territorialmente, no qual o Brasil passa a ser construído como exemplo ordeiro para a América Latina por ter realizado a sua "Revolução Democrática" como denominou o periódico do dia 12 de abril de 1964. Portanto, segundo a nota de correspondente norte-americano intitulada *Guerrilhas não trazem preocupação ao Brasil* de 20 de outubro de 1967, que é um clipping das atividades do embaixador do Brasil nos Estado Unidos Vasco Leitão da Cunha, o qual afirma que "Meu país frustrou os comunistas e que a austeridade do seu governo revolucionário está encerrada e a moeda estabilizada", ainda em sua fala anticomunista afirma que as linhas do comunismo na América Latina não desarticuladas e suas filas de militantes esvaziadas, e utiliza como argumento para a fragilidade das ações armadas a morte de Guevara como exemplo. A noção de que os movimentos guerrilheiros não tinham forças suficientes para o combate com a militarização do exército e das instituições é a força do argumento para que o Brasil exporte seu exemplo para o Continente.

Deste modo, vale destacar que a defesa do regime militar era realizada por meio do argumento que no Brasil há uma solida e consistente relação entre os três segmentos que sustentaram o Golpe de 1964, sendo eles a doutrina militar, a sociedade civil, os empresários e o exército. Afirma-se, portanto, que o apoio popular ao governo desmantelou muitos aparelhos de ação clandestina no país, lançam-se então ameaças como: apoio popular tem sido patenteado no Brasil através da História: graças a ele, os comunistas "foram esmagados em 1935 e 1964, foram esmagados em 1963, quando tentaram a guerrilha de Jefferson, foram desbaratados em Caparaó e o serão tantas vezes quantas fizerem novas tentativas, como agora mesmo em Uberlândia".

**Referência**

*ISBN: 978-85-7205-159-0*

BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: THIOLLENT, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Pólis, 1987. p. 137-151.

CAPELATO, Maria. História do tempo presente: a grande imprensa como fonte e objeto de estudo. In: DELGADO, Lucilia & FERREIRA, Marieta (org.). História do Tempo Presente. Editora FGV: Rio de Janeiro, 2014.

CARDOSO, Ciro F. & MALERBA, J. Representações. Contribuições a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000. p.32.

CHOMSKY, N. Fabricando consenso: el control de los médios de comunicacion. [online] 1993. p.20.
GALEANO, Eduardo. As veias abertas da américa latina. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

KELLNER, Douglas. Os grandes líderes do século XX. Che Guevara. São Paulo. Nova Cultural, 1990.

KUSHNIR, Beatriz. Cães de Guarda: Jornalistas e Censores, do AI-5 à constituição de 1988. São Paulo: Boitempo; FAPESP, 2004.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: MOSCOVI, Serge. Representações sociais: Investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 96.
PADRÓS, Enrique. A Operação Condor e a conexão repressiva no Cone Sul: a luta pela verdade e pela justiça. Organon (UFRGS), v.47, 2009. p.15-38.

POZZI, Pablo. Por las sendas argenitas: el PRT-ERP, la guerrilla marxista. 2ºed. Buenos Aires: Imago Mundi, 2004.

SALES, Jean. O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974). Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, SP, 2005. p.85.